Um filme silencioso no Cinema Madureira

Jurandyr Noronha

Quem viesse de trem da cidade, numa composição do ramal de Dona Clara, e tivesse que saltar em Madureira, penúltima estação da linha, veria logo à sua frente o Cinema Beija-Flor.

Propriedade de dois sírios, Amin e Nassib, exibia os filmes alemães da UFA, lotando com os seus magníficos seriados americanos, no que levava vantagem sobre o outro cinema do subúrbio carioca.

Característica também do Beija-Flor eram os seus baleiros, nos intervalos vendendo mariolas, doces de leite e até roletes de cana.

A segunda classe ficava mais para a frente da tela; a primeira era na parte de trás e ainda numa parte superior, feita essa não de alvenaria, mas de madeira. E tudo muito tosco.

Dessa parte de cima jogavam-se aviõezinhos feitos com os programas e que iam aterrissar na cabeça dos que estavam na segunda classe. Era ainda daí que o meu avô paterno, sentado na primeira fila, tirando os borzeguins de elástico, enfiava os pés por entre as grades, mostrando-os aos que estivessem na platéia de baixo. Mas o que fascinava nessa parte mais alta era a cabine de projeção, a qual se chegava por uma escada também de madeira parecendo que ia despencar, tanto embalançava a cada degrau que se subia.

Ah, a cabine de projeção...!

Era um pouco a descoberta do mundo. Às vezes um menino deixava de ver o filme e, pela porta gradeada, extasiado, via a beleza de uma máquina: o rolo de cima soltando a película e, quando o operador juntava os carvões, o fortíssimo clarão azulado como um relâmpago.

Era toda a beleza de um ser vivo.

O filme nas laçadas das curvas pulsando como veias. E no interior da máquina toda uma anatomia, os órgãos vibrando, sangue gotejando no óleo brilhando / escorrendo, na escura pele de esmalte do projetor. Mais dentes rápidos rilhando, quase triturando a película, certinho nas perfurações.

Ser vivente — não contava a estória do *Fantomas* ou do *Homem da Meia-Noite*, James Jim Corbett sempre ao final de cada episódio, pontualmente debaixo do carrilhão, pronto para castigar os vilões?

E o letreiro, batendo na tela justo nos momentos mais emocionantes:

— Voltem na próxima semana para assistirem à continuação deste grandioso seriado.

Aprisionada no navio em chamas *Mary Jane* será salva antes da explosão final?

II

O cinema concorrente era o Madureira e ficava bem em frente à outra plataforma da estação ferroviária, mais adiante e algumas centenas de metros depois da curva do frigorífico. Era daí que os trens voltavam à cidade, isso após a parada em Dona Clara, hoje inexistente.

Homens tristes carregando marmitas embrulhadas em jornais, moças que iam para as oficinas de costura e colegiais que iam para o Colégio Militar ou o Pedro II — de manhãzinha, enquanto não apontava o "Maria Fumaça", ficavam olhando os títulos dos filmes em exibição.

Era já uma velha casa de espetáculos quando fui morar no subúrbio.

É esta mesma a designação — casa de espetáculos — porque, mesmo depois do "falado", ainda apresentava números de palco, como esquetes cômicos, mágicos e cantores.

Entre os jornais de atualidades e o longa-metragem podia-se escutar o tenor português Antônio Rosas num trecho de opereta ou rir com a Companhia Grijó Sobrinho, conhecida de temporadas nas zonas da Central e da Leopoldina.

Tão distante no tempo, tenho a impressão que a platéia fosse para uns 600 espectadores sentados. É verdade que havia dias com superlotação, gritaria e soldados de chanfalho à cinta, ameaçando desembainhá-los em defesa da ordem constituída dentro do Cinema Madureira...

A separação de classes (quero dizer, da primeira para a segunda) era apenas uma mureta, baixa o suficiente para aqueles que haviam pago menos a saltassem e se aboletassem entre as indefectíveis famílias notáveis.

Era uma tradição o elegante hábito.

A esta altura deve ser dito que a diferença entre as classes ficava apenas nos assentos, de palhinha e madeira, respectivamente.

O proprietário do Madureira também não era um brasileiro, mas o português Araújo, emérito contador de anedotas.

Sabia fazer publicidade como ninguém e o que hoje se chama de relações públicas. Assim, distribuía entre as crianças quadrinhos dos filmes, tirados quando eles arrebentavam durante as projeções.

Arquivo Cinédia

No Cine Madureira o negro Damásio confeccionava grandes painéis que eram colocados em cima da marquise.

Esses quadrinhos eram muito disputados porque colocados em pequenos aparelhos de lata com uma lente minúscula e voltados contra uma fonte de luz podiam mostrar Hoot Gibson, Art Accord e até mesmo um momento da *Vida de Cristo* colorida da Pathé.

Creio que não haja menino daquele tempo que não se recorde dos tais visorezinhos, vendidos nos armarinhos e tabacarias dos cafés.

O Araújo tinha ainda um improvisado ateliê de pintura em seu cinema.

Debaixo da cabine, atrás das últimas filas de cadeiras, nos dias em que não havia *matinées*, Damásio estendia pelo chão grandes folhas de papel grosso e nelas ia pintando com todas as cores.

Quem o visse assim, no silêncio do salão vazio, não ia compreender do que se tratava.

Damásio era um negro alto, até parecido com Paulo da Portela, também morador em Madureira e que alcançaria fama de compositor de sambas.

Depois, pronto o trabalho de dias seguidos, era vê-lo num fim de noite e pela madrugada a dentro — o subúrbio adormecido — montando as muitas folhas de pa-

pel pintado. Em cima da marquise do cinema, com o uso de uma grande lata de goma, ele ia fazendo pouco a pouco surgir um enorme painel.

Alguma família retardatária, vinda de uma visita, poderia parar e alguém dizer:

— Boa noite, *seu* Damásio. Está ficando muito bonito.

Daquela vez — eu me lembro —, os aviões com as cruzes simbólicas do Império Alemão estavam bem no alto.

Agora Damásio cola outras folhas e esquadrilhas, e as cores da França aparecem.

Da metralhadora de um avião mais próximo pode ser vista a rajada dos seus tiros, e até os seus tripulantes, os capacetes, os grandes óculos de vôo então usados.

Existem já aparelhos caindo em chamas, grossos rolos de fumaça saindo dos seus motores.

Cobrindo toda a largura do Cinema Madureira, colunas de tanques avançam. Estão à nossa vista as trincheiras com arame farpado da guerra de 1914 / 18, o vermelho das grandes explosões e soldados caindo feridos.

Assim Damásio viu *Asas*, primeiro filme a receber, em 1929, um Oscar da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas.

Ele preparava anonimamente, no então humilde subúrbio carioca, as exibições das grandes produções de Hollywood ou de outros centros produtores de filmes. E não esqueceu o Cinema Brasileiro da época: *Barro Humano* e *Alvorada de Glória*, por exemplo, mereceram painéis.

É uma pena que não haja ficado documentação fotográfica de sua obra. Mas ele não era somente o notável artista plástico.

III

Às 18 horas a sirene do Madureira tocava, lembrando o início da primeira sessão. Então, em passo de marcha, podia-se ver, devidamente uniformizado, um magrela tenente do CPOR, de nome Jair, que era o violinista do cinema.

Nada havia de marcial em seu aspecto, na farda cáqui, no talabarte ou nas perneiras pretas — assim eram os antigos uniformes.

A caixa preta do violino, para a frente e para trás, marcava a cadência das suas passadas.

Dona Laurencinha, esposa do tenente Jair, era a pianista. E Damásio era também o baterista, tomando conta do bombo, dos pratos e do tarol.

É inesquecível o espetáculo de perfeita integração entre imagens e sons, música. Os aviões descem a pique dos céus, Dona Laurencinha silencia o piano enquanto o tenente Jair brande qual espada o arco do seu instrumento.

É um misto de violinista e guerreiro, o uniforme assentando-lhe muito bem naqueles momentos. Deixa de olhar a tela e volta-se para os espectadores, o que fazia constantemente. Parece que esgrime, tão rápidos são os movimentos e expressões corporais exigidas na execução do arranjo musical.

Agora, um piloto alemão dispara sua metralhadora. É quando Damásio bate repetidamente as varetas no couro do tarol, reproduzindo o som das rajadas.

Primeiro-plano de uma hélice. E de novo o violino zunindo.

Uma explosão, duas explosões enchem a tela. E o bombo do Damásio ecoa tonitruante pela platéia, enquanto os extras de Hollywood, feitos soldados, voam pelos ares.

Novas seqüências e a história particular das personagens vividas por Clara Bow, Richard Arlen e Charles Rogers começa a ter solução.

Os executantes tocam agora a um só tempo.

É um *pot-pourri* de músicas francesas e americanas muito apropriadas, na certa selecionadas pelo tenente Jair e por Dona Laurencinha.

Piano e violino fazem a sua parte. Mas é ainda a Damásio que cabe demonstrar a sua versatilidade. Com as duas mãos vibra o tarol, com o pé faz o bombo ressoar seguidamente e ainda encontra tempo para retinir os pratos metálicos.

É o *grand-finale*.

Na verdade, imagens e acompanhamento sonoro tinham a mesma grandiosidade.

Aquilo não era um terceto. Para a Madureira daqueles dias era uma Orquestra Sinfônica.

Letreiro FIM.

Escurece muito lentamente.

Esta crônica foi pensada no contexto de uma visão mais ampla de um passado longínquo, com figuras e aspectos cada vez menos conhecidos. Há referências apenas a duas casas de exibição que existiram no subúrbio carioca de Madureira nos anos 20, mais precisamente no tempo do filme silencioso. Na década seguinte, já com o filme falado, surgiram o Alpha e o Coliseu, que ficavam onde hoje é o calçadão, quer dizer, no ponto mais central do subúrbio. Ambos desapareceram, mas o Madureira e o Beija-Flor continuam em pleno funcionamento, estando entre os cinemas mais antigos da cidade do Rio de Janeiro.